

Arte e Imagem

Marcelo Valente de Souza

[...]O Boto não dorme
No fundo do rio
Seu dom é enorme
Quem quer que o viu
Que diga, que informe
Se lhe resistiu
O Boto não dorme
No fundo do rio[...]

Foi Boto, Sinhá! (Waldemar Henrique)

[Trans]versões, [Trans]mutações e [Trans]ações de um Boto que encanta gente...

Faz parte da cultura escolar amazônica, oralizar as lendas, os mitos e as figuras típicas regionais nos rituais de contação de histórias para todos os níveis da educação básica. Contos dessa terra molhada de mistérios e encantos, que não podem ser abandonados e esquecidos, devem ser revitalizadas como o canto do pássaro Uirapuru, que faz toda a floresta silenciar para ouvir o seu belo canto de paixão...

Imagem: Foto: Sedução do Boto – Fotógrafo: Nelson Borges - Modelo: Marcelo Valente

A cultura amazônica é forte aliada aos temas transversais no que se refere à Pluralidade Cultural e [trans]passa por outras áreas do conhecimento, como um balé harmonioso da biodiversidade, provocando equilíbrio e beleza. São muitos os fluxos e dobras das sensações amazônicas, o legado cultural movimenta os sentidos, aguça a curiosidade e afugenta o (im)previsível, aproximando as mais diferentes (im)possibilidades de viver e ser...

Sensações são movimentos, impressões, ligeirezas, força e violência, que buscam afecções e afetos. Trata-se de montar, fazer

ou produzir uma ideia, um pensamento até mesmo ousando a criar novos conceitos. Mas para criar esses conceitos é necessário um plano de composição ou plano de imanência, tentarei rascunhar um texto-sensações molhado de composição, visto que "Deleuze pensa os afetos como um misto de sensações e instintos, chamando de sensações aquilo que determina os instintos em determinado momento e de instinto a passagem de uma sensação a outra" (MACHADO, 2010, p. 238).

Meu desafio é movimentar em sensações literárias a Lenda do Boto para o ensino do tema sexualidade na escola, para viabilizar outros (des)caminhos para a contação de histórias nas aulas.

De acordo com a lenda do Boto...

Um belo rapaz vestido de branco, alto, vistoso, charmoso, moreno e exímio dançarino sempre aparece nas festas dos ribeirinhos e encanta as moças virgens do lugar. Diferente da Iara (a sereia de água doce que encanta os homens com o seu canto) o Boto faz "malinação com saliência" (mantém relação sexual) com as meninas e depois foge para as profundezas dos rios, onde se transforma em Boto novamente (SIRQUEIRA, 2007). De repente vaga alguns questionamentos: Será que os homens também não se sentem atraídos pelo Boto? O Boto só encanta as mulheres?

Penso nos rótulos, nas molduras, nas formas, nas normas de compor as lendas a partir de uma heteronormatividade, reforçando a cultura heteronormativa nos contos amazônicos, junto com seus aparatos, a escola, a ciência, a pedagogia, a família, a psicologia, a religião, tende a impor o seu governo em uma espécie de generalidade e homogeneidade, a ordem sexual hetero (heteronormatividade) "difere" por meio dos processos cambiantes corporais e sexuais. O mundo, as pessoas, os corpos explodem em diferença, por que não o Boto sedutor de gente? Assim, o que pretendo destacar não é uma mera *imagem* sobre a questão do corpo, da sexualidade ou do corpo sexuado fora dos padrões

identitários, não é uma distração perceptiva, para perturbar, para agitar zonas, linhas turvas do desejo que a sociedade, a família, a escola sempre se negaram a explorar.

Problematizo o ensino sobre sexualidade nas escolas a partir da lenda do “sedutor das águas”, que pode sim, provocar [trans]versões, [trans]mutações e [trans]ações, já que é um ser do imaginário, do desejo, das experimentações, das sensações, da sensualidade e da fuga do convencional... Agora faço um trânsito de ideias, um embaralhamento de percepções, provocações sensitivas, perceptos de conexões sobre a sexualidade que se movimenta a partir das sensações de um Boto que encanta gente. Gente homem, gente mulher... gente, que sente prazer, tesões e pulsões, afinal, ele é um Boto sedutor!

Não quero aqui discutir a sexualidade do Boto, nem mesmo descaracterizar uma tradição do folclore popular, mas nas enchentes da vida, nos murmúrios dos desejos e na correnteza das sensações, um Boto sempre aparece das profundezas para atormentar aqueles que tanto se resguardam em um corpo docilizado, puro e singelo. Um corpo, que será perturbado, sacudido e potencializado por uma [trans]posição curiosa daquele que se apresenta como o “sedutor das águas”.

A *fotografia* sugerida para essa movimentação do pensamento, conduz a um [trans]laçar da sexualidade com a Arte (no caso uma lenda do folclore amazônico), para provocar outras vias e dobras na escola e no ensino, proporcionando sensibilidades e outras sensações, porque a Arte é movimento, é deslocamento contínuo, é produção e fluxo.

Movimentados por experimentações, a arte, o corpo e a sexualidade reivindicam o seu próprio uso; saltam de algum modo para o campo que impõe como questão: se o desejo não é falta, mas produção, as máquinas sociais tentam inventar de todas as formas os seus regimes de codificação. É possível notar que cada

sociedade criou para si o seu regime, da sociedade primitiva à sociedade civilizatória, cada *sócius* inventou seus regimes de contenção.

Deleuze e Guatarri (2011) afirmam que a sexualidade é uma abstração real fundada, como se dissesse, a sexualidade não deveria ser uma questão de debate, de estudo, pois é movimento singular que passa pela singularização de cada corpo movimentado pelo fora, é pura diferença e, infelizmente, não é uma questão que pode ser esquecida, na minha perspectiva.

Pensar uma movimentação, um deslocamento e uma [trans] formação ao abordar o tema sexualidade na escola a partir da Lenda do Boto é dar sentido ao imaginário, ao cheiro e ao ritmo das sensações de uma sedução encantadora, misteriosa que provoca [trans]versões, [trans]mutações e [trans]ações de um Boto que encanta gente... gentes!

Sobre o Autor:

Natural de Belém - Pará. Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas, Coordenador Pedagógico de Escola Básica e Professor Universitário.

Curriculo Lattes <http://lattes.cnpq.br/2212999377304361>

Referências

GILLES, Deleuze; GUATARRI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34, 2011.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zagar, 2010.

SIRQUEIRA, Antonio Juraci. **O chapéu do boto: literatura de cordel**. 5. ed. Belém, 2007. (mimeo).